Janela aberta

Contrato FGV/MICT



ITAZIL FONSECA BENÍCIO DOS SANTOS

Objetivando atualizar a base de cálculo de apropriação dos custos médios de produção agrícola e industrial do setor sucroalcooleiro e cumprindo cláusula contratual com o MICT, a FGV realizou levantamento de campo da safra 1995/96, através da aplicação de questionários agrícola e industrial, em usinas de açúcar (cana própria, açúcar cristal *standard* e álcool de destilarias anexas), destilarias autônomas de álcool e fornecedores de cana-de-açúcar.

A pesquisa obedeceu a um plano de amostragem com base no universo de produção da safra a ser pesquisada. Para dimensionar e estratificar a amostra de usinas, destilarias e fornecedores, tomou-se como variável principal o volume de canas moídas, aplicando-se em cada estrato o critério de repartição de Neymann.

Setor agrícola

Na região Centro-Sul foram pesquisados os estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. São Paulo foi dividido em seis sub-regiões, visando a cobrir a totalidade da área cultivada com cana-de-açúcar, a saber: Ribeirão Preto, Piracicaba, Arenito, Jaú, Vale do Paranapanema e Oeste Paulista, obtendo-se dados de 15 unidades industriais e 24 fornecedores.

Utilizando igual critério no estado de Minas Gerais, a amostra foi também alocada em regiões distintas, onde foram aplicados questionários apenas em unidades industriais. As sub-regiões definidas foram: Triângulo Mineiro, três unidades; Zona da Mata, duas unidades e sul de Minas, três unidades. Para o Rio de Janeiro, dada a concentração da cultura na região norte-fluminense, não foi necessária a divisão em sub-regiões, sendo pesquisadas quatro unidades.

No Norte-Nordeste, foram considerados os estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Como no Centro-Sul, em Alagoas e Pernambuco a região canavieira foi dividida em sub-regiões. Em Pernambuco consideraram-se o litoral norte, o interior norte, o litoral sul e o interior sul, onde foram visitadas 10 unidades industriais, sendo nove plantas de açúcar e álcool e uma destilaria de álcool autônoma, além de 14 fornecedores de cana, com maior concentração da pesquisa na sub-região interior sul — 50% de questionários industriais e 42% agrícolas. Para Alagoas, foram pesquisadas 14 usinas de açúcar e álcool e 11 fornecedores, alocados em sub-regiões definidas como: Zona da Mata, zona do litoral, tabuleiro central e tabuleiro sul. No Rio Grande do Norte e Paraíba, a pesquisa concentrou-se nas destilarias autônomas de álcool, com uma amostra de quatro unidades.

Na fase inicial de crítica — já que os dados ainda se encontram em processo de apuração e tabulação — o levantamento revela alguns detalhes significativos, quando confrontados com dados da última pesquisa de campo realizada sobre a safra 1992/93.

Em São Paulo, a pesquisa mostra uma perigosa concentração de terras nas mãos das unidades industriais e/ou de grandes produtores. Na safra 1995/96, foram detectados cerca de 76% de áreas arrendadas cultivadas com cana-de-açúcar, nas quais o fornecedor, além de arrendar parte de suas terras, aluga máquinas, mão-de-obra e administração junto às usinas e destilarias, visando ao manejo da cultura. Tal situação torna cada vez maior a dependência do segmento com relação às indústrias, justamente quando está prevista a liberação de preços no setor.

Quanto ao nível tecnológico da cultura, o panorama mostra-se bastante promissor, em que pese a um leve decréscimo no rendimento agrícola, relativamente aos dados da safra 1992/93, devido a: fortes geadas de 1994, que prejudicaram a brotação da socaria; estiagem prolongada dentro do ano-safra; incidência de amarelinho, ferrugem, carvão e broca; busca de melhoria da qualidade final da cana, em detrimento do peso. Para a safra 1996/97, a previsão é otimista quanto à recuperação da produtividade agrícola, que já cresceu aproximadamente 4% no total de canas esmagadas até setembro passado.

Incentivado por usinas e entidades governamentais, o plantador de cana respondeu alterando o cultivo de variedades, antes altamente positivas (t/ha), para outras um pouco menos pesadas mas com bom rendimento industrial (sacarose/ha) e com boa resistência a enfermidades. Aumentou também o cultivo de variedades como RB72-454 e RB78-5148 em detrimento de SP71-6163, SP71-1406 e SP70-1143 (suscetíveis ao amarelinho e à ferrugem).

Os fornecedores estão preocupados em renovar seus canaviais, reduzindo o número de cortes da socaria de sete para cinco e até quatro cortes, revelando os dados um percentual de renovação em torno de 13% da área cultivada. Tanto nas usinas/destilarias como entre os fornecedores, formam-se canaviais visando à colheita mecanizada, principalmente na sub-região de Ribeirão Preto onde, do univer-

so das usinas pesquisadas, cerca de 32% da cana moída foi colhida mecanicamente. Outras práticas agrícolas, antes adotadas apenas por unidades industriais, como fertirrigação, aplicação de torta de filtro e maturação da cana, passaram a ser utilizadas por fornecedores.

Nos outros estados da amostra na região Centro-Sul, tanto em Minas Gerais como no Rio de Janeiro, existe também a preocupação com a melhoria tecnológica das práticas aplicadas ao cultivo da cana-de-açúcar, seja utilizando variedades com bom potencial de campo e industrial, quer adotando práticas como aplicação de maturadores e fertirrigação na lavoura. Causou boa impressão o avanço da tecnologia aplicada na região canavieira do Rio de Janeiro, em Campos, principalmente na troca do cultivo de variedades já em processo degenerativo, como CB45-03, por outras mais produtivas, como RB72-454, SP70-1143 e RB-9735, além do uso da vinhaça e torta de filtro na recuperação das condições físico-químicas do solo.

Na observação dos resultados iniciais da pesquisa na região Norte-Nordeste, o panorama quanto à questão fundiária é bem diferente daquele do Centro-Sul, sobretudo em São Paulo. Nos dois principais produtores da região, Alagoas e Pernambuco, o contingente de áreas próprias cultivadas com a cana foi de, respectivamente, 76 e 81%. Cultivando a própria terra em vez de arrendá-la à usina/destilaria, o fornecedor ainda exerce papel preponderante no cultivo da cana-de-açúcar nordestina, devendo este segmento ser tratado com cuidado ao se colocar em vigor a pretendida liberação dos preços para o setor.

Como seus pares do Centro-Sul, o produtor de cana nesses dois centros, usineiro ou fornecedor, progrediu na questão da tecnologia aplicada ao cultivo. Já nos anos 80, a transferência da cultura da cana de áreas acidentadas para áreas mais planas e acessíveis às máquinas, mesmo que menos férteis, se fazia importante e crescente, consolidando-se na década de 90. Reduziram-se assim os custos de produção e elevou-se a lucratividade da lavoura. Durante a safra 1995/96, o alto índice da adoção de técnicas como irrigação e fertirrigação, não só nos tabuleiros e chãs, mas principalmente em áreas com declive acentuado, evitou que a falta de precipitação pluviométrica causasse decréscimo do rendimento no campo.

Em relação às variedades utilizadas, as tradicionais como CB45-3 e CO997 — que na safra 1992/93 respondiam por mais de 50% da área colhida — são cerca de 30% no ano agrícola em estudo. A preferência nas intenções de plantio recai sobre as variedades SP e RB, desenvolvidas pelo Centro Tecnológico da Copersucar e pelas universidades rurais que passaram a administrar os acervos do extinto Planalsucar.

O setor produtor de cana em Alagoas e Pernambuco conseguiu, no decorrer do ano agrícola 1995/96, superar eficientemente os problemas de clima e a incidência de pragas (broca, cigarrinha etc.) e doenças (ferrugem), mantendo o rendimento em níveis preliminares da ordem de 55t/ha para Pernambuco e 62t/ha em Alagoas.

Setor industrial

No tocante ao setor industrial, tanto no Centro-Sul como no Norte-Nordeste, a elevação da eficiência da extração do caldo, quer para a produção de açúcar como de álcool, é resultado da racionalização gerencial/administrativa e da zelosa atenção dispensada às informações obtidas no campo e no parque industrial. O produtor de açúcar e mais ainda o de álcool colocam-se na dianteira tecnológica mundial. A safra 1996/97 já vem apresentando índices bastante satisfatórios, com crescimento estimado em 4% no que diz respeito ao ART (açúcares redutores totais), refletido em acréscimos nos rendimentos industriais.

Atendendo a determinações das autoridades sanitárias, melhoram as condições de trabalho nas plantas industriais, como por exemplo na substituição do benzol pelo cicloexano na fabricação do álcool anidro. Outro fato louvável é o cuidado cada vez maior com o meio ambiente, utilizando-se maciçamente a vinhaça e a torta de filtro na cultura, evitando agressões ao meio ambiente e contribuindo para o crescimento da produtividade no campo, além da redução de custos com a substituição de fertilizantes químicos.

A geração de energia própria já é uma realidade. As unidades pesquisadas utilizam integralmente o bagaço de cana como energético. Em alguns estados, principalmente São Paulo, o setor já participa positivamente do programa de co-geração de energia elétrica, cobrindo necessidades locais de consumo energético. Houve redução substancial na utilização de energia comprada, com reflexo no custo final de produção. Algumas unidades, além da geração de energia, fazem uso do bagaço, após processo de hidrolização, na alimentação animal e como matéria-prima (celulose) na fabricação de embalagens cartonadas (Projeto da Destilaria Japungu no estado da Paraíba).

O setor sucroalcooleiro demonstra eficiência. Importa estar atento à apuração de custos, quaisquer que sejam as atividades, principalmente para a cana-de-açúcar, com o advento da liberação dos preços e as novas condições da relação governo/produtor.

A equipe de levantamento de campo é composta dos economistas Joaquim André Villanova, Ronaldo de Andrade Pimentel e Francisco de Assis Medeiros e dos engenheiros agrônomos Horácio Fernando Neves da Rocha, Romeu de Souza e do autor do texto.